

DE LUBAC, Henry – *Carnet du Concile. Vol. 1 e 2, Paris, Cerf, 2007*

Os cadernos do Concílio do Cardeal de Lubac, não foram escritos para ser publicados; mais ainda o autor não quis, ou não queria, que viessem a ser publicados. Todavia retocou-os e alguns das suas apreciações já eram conhecidas.

Lidos agora, permitem-nos algumas apreciações interessantes de ideias e personagens que fizeram o concílio ou que influenciaram. Não se trata dum relato tão exaustivo, como o de Yves Congar, mas trata-se de curiosas e interessantes reflexões.

E desde logo quanto aos personagens. Reportando-nos a alguns mais conhecidos, o Cardeal louva e realça a competência do Dr. Ratzinger (Vol. 2,232), o trabalho infatigável de G. Martelet, jesuíta professor na Gregoriana, a perspicácia de J. Daniélou, igualmente jesuíta. Cita ainda dois outros do Concílio, como são Congar e Rahner de quem fala com grande estima, do mesmo modo que do Professor de Louvain, Philips. A mesma admiração aparece ou transparece em relação ao cardeal Bea, que desempenhou importante papel no trabalho em relação à unidade dos cristãos, no Concílio.

Já a sua admiração não parece ir longe em relação ao Cardeal Suenens que foi arcebispo de Malines-Bruxelles e um dos quatro moderadores do Concílio; "A audácia juvenil" de Hans Küng parece diverti-lo (1,305) ou exaspera-o "o seu tom maldoso de opositor sistemático" (2,404).

Mas sobretudo não quer ser confundido sob o pretexto da "nova Teologia", nem ele nem o seu amigo Theilhard com a escola Chénu – Schillebeeckx, muito pendente para a "sacralização do mundo" (2,218 – 221). Afirma ainda que por esta razão se demitirá da direcção da revista *Concilium* (2, 395). Deplora a ausência de seu amigo Balthasar, e queixa-se, disso, ao Cardeal Wojtila (2,394).

Ao contrário de Congar que deplora a falta de preparação do Episcopado francês, em sua obra sobre o Concílio, de Lubac, aparece mais como um pensador individual com pouca relação com este Episcopado. Faz-lhe uma conferência durante a terceira sessão do concílio, mas confessa "não ficar com a impressão que eles compreendem do que se trata" (2,273). Aparece nesta obra algum bom relacionamento com alguns deles, mas não são raras as críticas a suas intervenções públicas e às críticas de que são objecto por parte de colegas estrangeiros. De Lubac acusa-os de "fraqueza doutrinal" (2,361).

Isto dito sobre alguns personagens, uma palavra sobre os temas debatidos no Concílio, muitos dos quais foram objecto dos trabalhos teológicos do próprio de Lubac.

A sua crítica é violenta quando os padres conciliares querem definir a mediação de Maria (2,15) tema proposto para o Concílio, como se sabe, pelas Comissões Preparatórias, é favorável à colegialidade episcopal, mas julga, certamente pensando no Episcopado francês que deve limitar-se ao plano na pregação (2,107); quanto ao diálogo com as outras religiões, é favorável desde que não signifique, um enfraquecimento da fé (2,126); finalmente inquieta-se, como Paulo VI, com aqueles que pensam que o Cristianismo é apenas "uma via extraordinária da salvação" (2,395).

Duas questões maiores parecem preocupar H. de Lubac. Uma é a da relação entre Escritura, tradição e magistério, outra a questão das relações da Igreja/Mundo.

Quanto à primeira questão, defende contra os teólogos da Cúria que o "princípio" da verdade revelada é o Espírito Santo, sendo o Magistério apenas um órgão (1, 67, 68). Lamenta "a ignorância mais ou menos igual dos teólogos e dos exegetas, bispos ou não, da doutrina tradicional sobre a Escritura" (2,296) e a mesma crítica estende-se aos autores da Patrologia: "em toda a honestidade os nossos sábios são vítimas dos métodos actuais. Quanto tempo e forças perdidos!" (2,455).

Quanto ao documento sobre a Igreja no mundo contemporâneo, de Lubac teme que "o desejo de abertura ao mundo, espalhado hoje na Igreja, não engendre uma atitude confusa" (2,138) e não se fique num reconhecimento da dignidade do homem

cortada das suas raízes sobrenaturais: “Se não estamos convencidos, escreve, que há uma certa harmonia pre-estabelecida entre Revelação de Cristo, tomada na sua plenitude e a expectativa secreta depositada por Deus no coração do homem de todos os tempos, faltar-nos-á audácia apostólica, que é a única que pode atingir o homem do nosso tempo”. (2, 142).

Os cadernos do Concílio de Lubac, revelam o seu estilo vigoroso e ardente como toda a sua obra, a sua vastíssima cultura teológica e sobretudo ajudam a ler as derivas do Pós-Concílio, com senso crítico.

Arnaldo de Pinho